

quem, estranhando o fato de eu viver aqui sòzinho, afirme que não regule bem do juízo.

A esta altura, já eu conhecia quase tôda a história do Sobrado, mas surgiu-me de repente uma pergunta: o que teriam feito das terras? teriam-nas vendidos ou simplesmente abandonado? O velho esclareceu isto também:

— Quando meu pai foi assassinado, com os poucos trabalhadores que resolveram ficar no Sobrado eu tentei continuar a cultivar uma parte das terras. Mas minha mãe e meus irmãos foram embora e eu achei que não valia a pena continuar. Assim, as terras que antes faziam inveja aos engenhos vizinhos foram abandonadas e eu passei a cultivar apenas um pequeno pedaço onde eu próprio trabalhava sòzinho. Com o correr do tempo, um ou outro camponês levantou nas terras do Sobrado a sua palhoça de sapé e barro, plantou a sua roça e meia dúzia de pés de cana. Nunca me importei com isso. Afinal, de que me servem agora as terras? Elas são mais úteis a êles do que a mim.

Conversamos ainda durante muito tempo. O velho parecia incansável. Falava interminavelmente, prendendo-se sempre ao passado da família. Mas com o avançar da noite vieram os primeiros indícios da fadiga. Êle já não tinha tanta animação no falar e bocejava constantemente. Eram horas de dormir. No dia seguinte eu deveria acordar cedo, andar um bom pedaço até à estação onde apanharia um trem para o Recife. Despedi-me do velho. Disse-lhe que me ia embora, voltava ao meu trabalho, já me demorara demais ali. Êle apertou-me a mão demorada e vigorosamente, desejou-me boa viagem e disse-me que se algum dia ali voltasse, não me esquecesse de ir até ao Sobrado.

Comecei a descer a ladeira. Na dobra do caminho parei e olhei para trás na direção do Sobrado. Nada se via dentro da noite. Continuei a caminhar, dizendo comigo mesmo: — Voltarei sim, meu velho! Quando me aborrecer do borborinho da cidade, venho purificar o espírito no meio dêstes canaviais. Hospedo-me no hotel de Dona Sebastiana e tôdas as noites vou conversar contigo no Sobrado.

O S O R R I S O D A G I O C O N D A

Os dias de chuva trazem-me sempre velhas recordações. Fico parado à janela do meu quarto no terceiro andar da hospedaria, vendo o brilho triste da rua molhada e os transeuntes apressados que tentam fugir à chuva que os cerca e persegue.

Sempre que venho à janela, o meu olhar cai inevitavelmente sôbre aquela casa de portas e janelas verdes. Era ali que ela morava. Vem-me então à memória todo o passado. Não unicamente o meu, porque não se pode ter um passado independente: êle está sempre ligado direta ou indiretamente ao passado de outras pessoas.

Dia após dia, tudo se reconstitui nítida e fielmente no meu cérebro, como se houvesse acontecido no dia anterior.

*
* * *

Nessa época, eu andaria pelos vinte ou vinte e um anos. Trabalhava num escritório comercial, mas, o comércio não era a minha vocação. Os lançamentos que eu fazia em colunas de débito e crédito, eram como um jôgo de azar em que eu me empenhava diàriamente e no qual não perdia nem ganhava. Trazia a cabeça cheia de idéias e todos aquêles livros entediavam-me tremendamente. Aborreciam-me tanto, que às vêzes abria um dêles, debruçava-me e começava a trabalhar. Depois de alguns instantes, esquecia-me do que fazia, a mão parava de escrever e o meu pensamento vagava por estranhas e abstratas paragens. Êle estava longe daquelas fôlhas de papel, mas nem eu próprio sabia onde.

O chefe olhava-me com maus olhos, e, caindo, em mim, eu voltava a trabalhar freneticamente, tentando evitar uma repreensão. Isto aconteceu tantas vêzes, que certo dia, êle perguntou-me se eu estava doente. Olhei-o sem saber o que responder e balbuciei uma negativa pouco convincente. Notando

a minha confusão êle voltou ao ataque: “Tenho-o notado um tanto estranho ultimamente e julgei que alguma coisa o preocupasse.” Pensei em dizer-lhe o que tinha vontade de fazer com todos aquêles livros, mas contive-me, porque me lembrei que vivia do magro salário que ganhava no escritório.

Já nêsse tempo eu morava nesta hospedaria. Como o meu trabalho não era atraente e não tinha mais nada em que me ocupar, levava uma vida monótona e vazia. Era a rotina dura e cansativa, nunca acontecia nada de nôvo. O dia de ontem, era igual ao de hoje; o de hoje, igual ao de amanhã.

Em frente à pensão, naquela casa de portas e janelas verdes, morava uma viúva. Tinha um casal de filhos.

A filha tinha talvez dezoito ou dezenove anos. Seus olhos e cabelos eram negros, profundamente negros. Os olhos eram dois mistérios. Quando se fitavam na gente, pareciam querer virar-nos pelo avêso, devassar a alma e ler os pensamentos. Tinham um brilho forte e magnético que perturbava quem os fitasse. Os cabelos, eram sedosos, compridos e levemente ondulados. Derramavam-se como uma cascata sôbre os ombros macios e bem feitos. Os lábios delgados, ligeiramente rosados, abriam-se constantemente num sorriso ao mesmo tempo belo e enigmático. Era difícil saber-se quando êle era puro e sincero ou irônico e zombeteiro. Sem saber porquê e sem muita certeza da semelhança, eu comparava-o ao sorriso da *Gioconda*. Chamava-se Lúcia e tinha fama de namoradeira.

O irmão era mais velho, teria vinte e dois ou vinte e três anos. Levava uma vida de vadio: não trabalhava, andava com gente pouco recomendável, esbanjava nas farras o dinheiro da mãe. Muitas vêzes, entrava em casa de madrugada, completamente embriagado. A mãe repreendia-o, chorava muito, lamentava-se, mas nada disso adiantava e êle continuava naquela vida de dissipação.

A monotonia em que caíra a minha vida, aborrecia-me cada vez mais. O trabalho no escritório era-me quase insuportável. A juventude tem sonhos altos e dourados e eu desprezava o mundo vulgar do comércio. Não me interessavam as contas de lucros e perdas nem os lançamentos de débito e crédito. As minhas aspirações eram mais altas, mais nobres,

mais profundas. Eu pensava na multidão anônima que vive o cotidiano, que se mecaniza na luta desesperada pelo pão de cada dia, e pretendia escrever um longo poema sôbre as angústias da alma humana. Mas também eu fazia parte dessa multidão e era obrigado a trocar oito horas de trabalho diário, pelo magro salário que mal dava para comer e pagar a pensão.

Os dias sucediam-se sempre iguais. Eu ansiava por ação, por qualquer coisa nova e diferente que nunca acontecia.

Saía do escritório, andava um pouco (geralmente sem destino) e ia para casa. Quase sempre Lúcia estava à janela. Eu cumprimentava-a quando passava. Ela respondia-me sempre com aquêles sorriso estranho. A sua beleza misteriosa causava-me uma sensação desagradável. Eu subia as escadas quase correndo, o coração batendo descompassadamente. Só parava no terceiro andar e entrava ofegante no meu quarto.

Pela vidraça, olhava a rua lá embaixo. Lucia ainda estava à janela. Passava um ou outro que a cumprimentava, e ela sempre sorrindo, sempre sorrindo... Enervava-me aquêles sorriso. Cansado, aborrecido, jogava-me sôbre a cama de ferro que rangia sob o meu pêso. Deixava-me ficar muito tempo, procurando não pensar em nada.

No quarto ao lado, morava um estudante que se dava ares de grande pianista. Tinha no quarto um piano velho e desafiado, cujo som me feria os ouvidos e perturbava o meu repouso. Quero crer que se Schubert, Beethoven ou Mozart pudessem ouvi-lo, ficariam decepcionados com a péssima execução que tinham suas músicas nas teclas do velho piano. Mas Schubert, Beethoven e Mozart não podiam ouvi-lo e eu aborrecia-me por êles suportando por horas e horas aquêles concertos sem platéia.

Não podendo dormir com o piano a martelar no quarto ao lado, levantava-me e apanhava ao acaso um dos livros arrumados na estante. Eu admirava os grandes mestres da poesia. Baudelaire e Verlaine faziam-me companhia frequentemente. Mas o piano continuava a martelar no quarto ao lado e eu não conseguia fixar a atenção no livro, sendo forçado a abandoná-lo.

Abria a janela. Lá embaixo, estendia-se a rua escura e

deserta. Todos dormiam, só na cervejaria da esquina notava-se ainda algum movimento. Reuniam-se ali os boêmios do bairro: pobres idiotas que bebiam como pipas e não falavam de outra coisa que não fôsem mulheres, serenatas e traficâncias.

O piano silenciava. Talvez finalmente pudesse dormir. Deitava-me, mas já então havia perdido o sono. Ficava deitado, de olhos abertos fitos na escuridão do quarto. De quando em quando, chegava-me aos ouvidos os latidos de um cão e o gorgolejar de um cano de esgôto entupido. Dos fundos dos quintais, subia o cheiro nauseabundo de fossas extravasadas. O sono não vinha. Vez por outra, um mosquito zumbia na escuridão do quarto. Decididamente, a noite estava perdida.

No dia seguinte, ia para o escritório com as pálpebras pesando como chumbo. Às vezes, não suportava o cansaço que me invadia o corpo e o cérebro e fechava os olhos por alguns segundos. À noite, quando saía do escritório, ia para casa, na esperança de uma noite bem dormida, de um sono reconfortante.

Passava em frente à cervejaria. Ainda era cedo, havia pouco movimento. No chão, aqui e ali, viam-se cascas de amendoim e restos de crustáceos. Por baixo das mesas, um cão sem dono procurava um osso para roer. Eu não parava. Ansiava por chegar ao meu quarto e estender-me na cama. Do princípio da rua avistei Lúcia. Lá estava ela para roubar um pouco da minha tranquilidade. Conversava com um rapaz que eu não conhecia, nunca o tinha visto antes. Fiz-me distraído e passei sem dizer nada. Subi lentamente as escadas. Cheguei ao terceiro andar. A hospedaria parecia desabitada, tal o profundo silêncio que a envolvia. Entrei no quarto e atirei-me na cama mesmo vestido como estava. Fechava os olhos para dormir, quando soaram no ar as notas soltas, sem sentido e desafiadas do piano do vizinho. Amaldiçoei piano e pianista e levantei-me irritado. Dei uma volta pelo quarto. Deitei-me novamente. O piano martelava, os canos de esgôto gorgolejavam, as fossas tresandavam, mas, o cansaço que eu sentia era mais forte do que tudo isso e eu acabei por adormecer profundamente.

O rapaz que eu vi conversando com Lúcia, aparecia regularmente de quinze em quinze dias. Depois passou a vir tôdas

as semanas e depois, quase todos os dias. Conversavam à janela, da janela passaram ao terraço e do terraço à sala. Falava-se em casamento e a mãe de Lúcia, quando falava no noivo da filha já o chamava (com uma ponta de vaidade) de “meu futuro genro”.

O rapaz deixava a casa de Lúcia sempre muito tarde: onze e meia, meia-noite. Às vezes, a viúva deitava-se e deixava os dois sozinho. A vizinhança fazia certos comentários. A mãe de Lúcia ouvia-os com indiferença e dizia com uma expressão muito sua: “não me interessa o que dizem as línguas sujas e maldosas”!

À noite, quando não tinha sono, eu vinha para a janela e via os noivos quando se despediam. Faziam-no na rua. Ela esperava que êle chegasse à esquina. Ali, êle olhava para trás, ela adejava um adeus com a mão, êle respondia, dobrava a esquina e Lúcia entrava em casa. Eu fechava a janela e deitava-me.

Certa noite, vi-o chegar e sair logo em seguida. Lúcia saiu atrás dêle quase correndo, chamou-o, êle não respondeu. Continuou a andar muito depressa e dobrou a esquina sem olhar para trás. Lúcia ficou parada na rua. Depois, com passos lentos, a cabeça baixa, entrou em casa. Quis-me parecer que ela chorava.

O rapaz nunca mais apareceu. As vizinhas comentavam entre olhares e risinhos significativos. A viúva dizia a todos que o rapaz não prestava, era isto e aquilo, e que a filha dela não era para um qualquer.

De repente, notei que Lúcia não vinha mais à janela. Não a vi durante muito tempo. Diziam que estava doente e as “más línguas” diziam que era de “paixão”. Se era de paixão, não sei, o fato é que ela estava realmente doente e quando voltei a vê-la, estava mais magra, o sorriso belo e misterioso era agora também triste, e os olhos, pareciam mais negros, contornados de olheiras profundas e escuras.

O irmão continuava o mesmo. Sempre bêbado, metido com gente da pior espécie, fazia da vida da mãe um inferno. Altas horas da noite, entrava em casa, dava escândalo, amea-

cava quebrar tudo... Diziam que aquilo era a falta de uma mão forte que o dominasse.

Certa vez, esteve alguns dias desaparecido. Soube-se que estava prêso; porquê, não sei. A mãe pagou a fiança, êle foi solto, mas não mudou de vida.

Lúcia tornou a adoecer. Estava de cama e disseram-me que definhava dia a dia. Fiquei alarmado. Apossou-se de mim uma sensação de angústia. Tive mêdo que ela morresse. Espantou-me êsse mêdo: costumava apenas condoer-me das pessoas que estão condenadas a morrer. Mas Lúcia parecia-me diferente e eu não podia aceitar a idéia de ver sair de sua casa um esquife contendo o seu corpo.

Lúcia morreu. Eu nunca soube ao certo qual a doença que a vitimou.

Há muito, não tinha eu notícias dela. Não sabia se estava melhor ou pior. Um dia, quando voltava do escritório e passava em frente à sua casa, vi a porta aberta e na sala, um esquife. Ao lado do corpo, estava a mãe, o irmão e algumas pessoas amigas. Subi para o meu quarto. Sentia o peito oprimido, a garganta apertava-se-me em convulsões. Joguei-me sobre a cama e fiquei deitado muito tempo com os olhos fechados. Não podia afastar do pensamento a lembrança de Lúcia e via-a através da imaginação. Via os seus cabelos negros e sedosos, os olhos grandes e vivos, o sorriso belo e misterioso e sentia que aquêlê sorriso que antes me perturbava, far-me-ia falta agora, que eu não mais o veria.

Quando saiu o entêrro, a mãe chorava muito. De quando em quando, o irmão, furtivamente, limpava uma lágrima. O antigo noivo também esteve no cemitério, não sei se levado por algum sentimento verdadeiro, se por mero convencionalismo social.

Alguns dias depois do entêrro, a viúva e o filho deixaram a casa. Não sei para onde foram. Nunca mais os vi. A casa estêve desabitada algum tempo, depois, veio morar nela um casal de velhos sem filhos.

*

* * *

Quase dez anos se passaram e não posso lembrar-me do

passado sem sentir uma inexplicável saudade. Esforço-me para aprender a viver apenas o presente, tentando aceitar a lição de Khayyam, para quem há dois dias indiferentes: “o que passou ontem, o que virá amanhã”. Mas é em vão que me esforço: “o que virá amanhã”, não me preocupa muito, mas “o que passou ontem”, permanece gravado na minha memória.

Continuo no escritório jogando com partidas de débito e crédito. Os sonhos da juventude são belos, mas às vêzes somos forçados a acordar e a multidão anônima que luta pelo pão de cada dia, não teve o poema que eu lhe pretendia escrever. O meu quarto ainda é um quarto de solteiro no terceiro andar da hospedaria, mas agora durmo à vontade: o pianista já não mora aqui, nunca mais ouvi o som do velho instrumento. A cervejaria lá está, reunindo ainda os boêmios do bairro, todavia, quando volto do escritório, não vejo mais à janela aquêlê rosto mimoso de olhos e cabelos negros, o sorriso misteriosamente belo. Acho estranho que agora sinta falta daquilo que antes me perturbava a ponto de me fazer mal. E o que me deixa mais saudade, é sobretudo aquêlê sorriso, o sorriso da *Gioconda*.